

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA BORBA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA  
2014

ALESSANDRA RODRIGUES DA SILVA BORBA



## **A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Nova Londrina, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Campus Medianeira.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Orientador(a): Prof. Carlos Laercio Wrasse

MEDIANEIRA  
2014



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

### A Importância da Afetividade na Aprendizagem

Por

Alessandra Rodrigues da Silva Borba

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de ....., Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho .....

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Me. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira  
(orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof Dr. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Me. ....  
UTFPR – Câmpus Medianeira

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meu marido e meu filho, pela orientação, dedicação e incentivo durante toda minha vida.

Ao meu orientador Professor Carlos Laercio Wrasse pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Campus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

A minha família por me incentivar e colaborar para que pudesse vencer as dificuldades, por terem sempre contribuído em minhas vitórias.

Agradeço à todas as pessoas que de forma direta ou indireta contribuíram para mais esta vitória em minha vida e que por um acaso não estão sendo citadas.

Aos velhos e jovens professores, aos mestres de todos os tempos que foram agraciados pelos céus por essa missão tão digna e feliz. Ser professor é um privilégio. Ser professor é semear em terreno sempre fértil e se encantar com a colheita. Ser professor é ser condutor de almas e de sonhos, é lapidar diamantes.

(Gabriel Chalita)

## RESUMO

BORBA, Alessandra Rodrigues da Silva. A importância da afetividade na aprendizagem. 2014. 33 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática o estudo sobre a importância da afetividade na aprendizagem. Para um melhor entendimento sobre a influência da afetividade na vida dos seres humanos é necessário compreender a história que perpassa as gerações, isto é a história da humanidade, na qual se destacam as teorias de Wallon, Piaget e Libâneo. São apontadas também as fases do desenvolvimento da inteligência conforme a tese Piagetiana, assim como as tendências pedagógicas e uma reflexão sobre a afetividade em cada uma delas. O trabalho propõe uma reflexão sobre a afetividade durante o processo de ensino aprendizagem, que na maioria das vezes passa despercebido pelo professor, demonstrando o quanto ela faz parte do ambiente escolar e a escola pode contribuir para a formação e o desenvolvimento de um indivíduo crítico, transformador, tornando-o uma pessoa digna, respeitando os direitos humanos e a igualdade de direitos. Diante disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os dados coletados através de leitura e fichamentos de livros textos periódicos, pesquisas na internet, ara entender que na educação. Os dados coletados através de leitura e fichamentos foram analisados comparativamente, sendo observadas as ideias principais de cada autor, colocando – as em evidência no decorrer da elaboração da pesquisa.

**Palavras-chave:** Afetividade. Criança. Aprendizagem.

## **ABSTRACT**

BORBA, Alessandra Rodrigues da Silva. The importance of affective learning. 2014. 33 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work was to study the theme of the importance of affective learning. For a better understanding of the influence of affection in the lives of human beings is necessary to understand the history that runs through the generations, that is the history of mankind, which highlights the theories of Wallon, Piaget and Libâneo. Also it presents the development of intelligence of the phases according to Piagetian theory, as well as teaching trends and reflect on the affection in each. The paper proposes a reflection on the affectivity in the process of teaching and learning, which most often goes unnoticed by the teacher, demonstrating how it is part of the school environment and the school can contribute to the formation and the development of a critical individual, transformer, making it a worthy person, respecting human rights and equal rights. Thus, a literature search was performed using the data collected through reading and fichamentos regular textbooks, internet searches, ara understand that in education. The data collected through reading and fichamentos were comparatively analyzed, the main ideas of each author being observed by placing - the evidence in the course of doing research.

**Keywords:** Affectivity. Child. Learning.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>12</b> |
| <b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>                              | <b>13</b> |
| <b>3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....</b>                            | <b>14</b> |
| 3.1 CONHECENDO A AFETIVIDADE.....  | 14        |
| 3.2 A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO.....                                     | 15        |
| 3.3 A AFETIVIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....                           | 18        |
| 3.4 A IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIFERENCIADAS PARA A<br>AFETIVIDADE..... | 20        |
| <b>3.4.1 Escola tradicional.....</b>   | <b>20</b> |
| <b>3.4.2 Escola Nova.....</b>  | <b>22</b> |
| <b>3.4.3 Escola Tecnista.....</b>  | <b>23</b> |
| <b>3.4.4 Pedagogia Construtivista.....</b>   | <b>24</b> |
| <b>3.4.5 Escola Histórico-Crítica.....</b>   | <b>24</b> |
| 3.5 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE E A<br>APRENDIZAGEM.....   | 26        |
| <b>3.5. 1 Estágio Sensório Motor.....</b>  | <b>27</b> |
| <b>3.5.2 Estágio Pré-operatório.....</b>   | <b>28</b> |
| <b>3.5.3 Estágio Operatório Concreto.....</b>                                      | <b>29</b> |
| <b>3.5.4 Operatório Formal.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>  | <b>32</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>34</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A questão da afetividade tem sido bastante pesquisada, pois percebe-se a necessidade da mesma no processo de ensino aprendizagem. Vê-se a prática docente com a principal finalidade de promover o desenvolvimento da educação e também construir um conjunto de conhecimentos que abrange tanto os aspectos físicos e biológicos, quanto aspectos afetivos, emocionais, cognitivos e sociais de cada criança.

Um professor que atua apenas como mero transmissor de conteúdos, desconsiderando a totalidade dos construtos da formação dos indivíduos, certamente provocará efeitos desastrosos na aprendizagem das crianças uma vez que, ao desconsiderar a importância do afeto, estará contribuindo para a formação de indivíduos carentes de afeição, já que é impossível, durante o processo de aprendizagem, dividir o educando em partes e cuidar apenas do seu intelecto. A afetividade é o desígnio fundamental para a construção da aprendizagem nas crianças e conseqüentemente nas relações que devem ser estabelecidas entre professores e alunos.

Cabe ainda destacar que a importância de se desenvolver essa pesquisa centra-se no empenho de caráter científico que o trabalho pretende apresentar, haja vista a extensão que se pretende alcançar com a execução do mesmo. Um outro aspecto refere-se à relevância social do estudo uma vez que seus resultados poderão contribuir consideravelmente para a melhoria no processo ensino aprendizagem, especialmente no que se refere às relações entre professores e alunos. Surge daí a relevância de se abordar o tema afetividade docente, por entender que o cuidar é um ato consciente, que pode ser ensinado e consiste, por sua vez, num dos maiores geradores de prazer que o mundo humano conhece.

A presente pesquisa trata da importância da afetividade no relacionamento educacional, visto que a falta de afetividade numa relação pode causar enormes prejuízos que poderão ser barreiras ao indivíduo para toda a vida.

A ideia de pesquisar o tema “A importância da Afetividade na aprendizagem” deu-se pela percepção da carência encontrada entre as crianças do ensino fundamental e qual procedimento relevante para se tratar esse assunto. Partindo dessa percepção surgiu o desejo de pesquisar quais as influências da “Afetividade no ensino fundamental”. Diante de uma preocupação maior que constitui nas

primeiras adaptações e interações da criança, a importância do meio para a formação do indivíduo (no que tange a formação do caráter e da personalidade da criança e na formação de sua identidade).

Diante disso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com os dados coletados através de leitura e fichamentos de livros textos, periódicos, pesquisas na internet, para entender que na educação, com o objetivo de descobrir quais estímulos deixam a aprendizagem prazerosa para os alunos, definir a relação da afetividade com o prazer de aprender, afirmar que técnicas afetivas, quando adotadas, contribuem para a aprendizagem.

Sendo assim, se faz necessário voltar ao passado e analisar todo o sistema educacional juntamente com os momentos históricos e sociais que ambos andam juntos, bem como para entendermos a escola atual deve-se fazer uma retrospectiva educacional, a fim de propiciar uma compreensão sobre as mudanças que foram ocorrendo entre a educação e o uso da afetividade na relação entre o professor-aluno em cada época.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica e para que a fundamentação teórica transcorresse de forma positiva e que o desafio de escrever sobre afetividade no ensino fundamental se transformasse em um grande aprendizado, foi necessário realizar um trabalho de fichamento de livros, textos periódicos, páginas on-line, pesquisas na internet.

Quanto à pesquisa Cervo e Bervian esclarecem:

A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos, buscando conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema (CERVO, BERVIAN, 2002 p.65).

A partir de uma pesquisa bibliográfica eficiente e segura é possível garantir um trabalho competente buscando atingir o objetivo de finalizar os estudos e refletir sobre as dificuldades.

A esse respeito, Bastos e Keller (2000, p. 100), enfatizam que, “a pesquisa bibliográfica é a atividade de localização e consulta de fontes diversas de informação escrita, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado item”. Realizando a pesquisa bibliográfica, o pesquisador tem o contato direto com o objeto de estudo, possibilitando-lhe aprofundamento teórico sobre o conceito de psicomotricidade e sua importância no processo de desenvolvimento da criança.

Os dados coletados através de leitura e fichamentos foram analisados comparativamente, sendo observadas as ideias principais de cada autor, colocando – as em evidência no decorrer da elaboração da pesquisa.

### 3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1 CONHECENDO A AFETIVIDADE

Elemento básico da afetividade significa influenciar, afetar. Este é o conceito de afetividade. A palavra afeto vem do latim affectur (afetar, tocar).

De acordo com o Dicionário Aurélio (1994, p. 20), o verbete afetividade vem dos verbetes “afetivo” + “idade” que significa um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifesta sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre dá impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Essas emoções estão presentes quando se busca conhecimento, quando se estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e aprendizagem constituem aspectos inseparáveis, presentes em quaisquer atividades, embora em proporções variáveis tanto na vida infantil como na vida adulta.

Antunes (2006, p. 5) conceitua a afetividade como:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduzem amor.

Diante de tal afirmação, a aprendizagem se dá através da adaptação ao ambiente, e através da experiência e interação com o outro. Há necessidade em se valorizar não apenas os aspectos cognitivos como também o afeto, as emoções, a solidariedade, para que se estabeleçam laços de fraternidade e se possam resgatar os valores que se perderam, através dos quais os alunos se espelhavam no professor como fonte de inspiração, visto que estes são fatos que se perderam ao longo do tempo nas mudanças ocorridas na sociedade

Já Ferreira conceitua afetividade como:

Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1999, p. 62).

Ou seja, todas as nossas emoções ou sentimentos são atribuídos através da expressão da afetividade, que está dentro do indivíduo e que conduz ao desenvolvimento do caráter da pessoa.

Assim Rossini (2001, p. 9) atesta que “a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela “está” em nós como uma fonte geradora de potência de energia”.

Galvão (2008, p. 61), assevera que:

A afetividade é um conceito amplo que abrange várias manifestações de emoções e sentimentos que podem ser tanto negativos quanto positivos como o carinho, amor, atenção, raiva, confiança, dentre outros e é através da afetividade que irá surgir várias manifestações como a emoção e o sentimento. As emoções, assim como os sentimentos são manifestações da vida afetiva.

O ser humano é um ser complexo, que vai da razão a emoção, portanto existe um vínculo constante entre a vida afetiva e a intelectual e a afetividade se manifesta nas emoções primárias, medos (ligados a perda de equilíbrio) e afetos perceptivos (sensação de agradável, desagradável, prazer, dor). São afetos ligados à própria ação da criança com outras pessoas.

### 3.2 A AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO

Saber como agir em sala de aula, não é exatamente uma tarefa fácil para o professor, mas cabe à escola propiciar um ambiente estável e seguro, onde as crianças se sintam bem, pois elas necessitam ser amadas, aceitas, acolhidas e ouvidas para que despertem a curiosidade do aprender.

De acordo com Porto (2007, p. 26), “a presença do adulto dá à criança segurança física e emocional que a leva a explorar mais o ambiente e aprendendo conseqüentemente”.

Freud (*apud* GARCIA; ROSA, 1978, p. 127) chamou a atenção para a interação entre as necessidades e os desejos da criança e o tratamento que os adultos, com os quais convive, dispensam-lhe, em especial a mãe. Nesse processo, a criança constrói a sua identidade, aquilo que a diferencia das demais pessoas e que ela percebe como sendo seu eu.

Assim, Porto salienta que:

Cabe ao professor manter-se atento à série de descobertas feitas pelas crianças, possibilitando-lhes o máximo de oportunidades de ação, dando atenção a cada um dos alunos, encorajando-os a construir, a se conhecer e conhecer os outros. Dar incentivo para que os alunos façam atividades é uma das atribuições do professor que desenvolve a relação entre cognição e afetividade de forma dinâmica (PORTO, 2007, p. 28).

Ou seja, cabe ao professor tornar o processo de aprendizagem motivador e incentivador, levando o aluno a construir seu conhecimento, pois a interação entre ambos a afetividade e a cognição exercem influência decisiva.

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, e busca compreender o mundo que a cerca, bem como aquela que faz ali na escola (SALTINI, 2002, p. 70).

O afeto influencia a velocidade com que constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o universo onde as crianças atuam, buscam e se interessam. A postura do professor se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças de sentir o mundo. Portanto, sua atuação deve ser para encorajar a criança a descobrir e inventar sem ensinar ou dar conceitos prontos (PORTO, 2007, p. 47).

Logo, pode-se afirmar que o relacionamento afetivo na sala de aula entre professor e aluno é determinante para a construção e formação da identidade dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental.

Em relação a isso Saltini afirma:

A criança deseja ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças brincam e se interessam. A postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo (SALTINI, 2002, p. 87-88).

Nesta relação o professor estabelece objetivo e metas para com a turma, porém oferece condições e mediações que favorecem a construção da aprendizagem, certo de que para se chegar ao acerto todos passarão pelos erros e que estes proporcionam o crescimento do grupo. Nesta perspectiva Libâneo destaca que:

Na sala de aula o professor exerce uma autoridade, fruto de qualidades intelectuais, morais e técnicas. Ela é um atributo da condição profissional do professor e é exercida como independente dos alunos. O professor estabelece objetivos sociais e pedagógicos, seleciona e organiza os conteúdos, escolhe métodos, organiza a classe. Entretanto essas ações docentes devem orientar os alunos para que respondam a elas como sujeitos ativos e independentes. A autoridade deve fecundar a relação educativa e não cerceá-la (LIBÂNEO, 1994, p. 251).

Existem alguns comportamentos que se manifestam na vida adulta que podem ser resultados de fatores que ocorreram no ambiente escolar.

Henri Wallon enfatiza em seus estudos, que os aspectos cognitivo e afetivo são inseparáveis. Também dedica um grande espaço às emoções como formação intermediária entre o corpo, sua fisiologia, seus reflexos e as condutas típicas de adaptação.

Entre a emoção e a atividade intelectual, mesma evolução, mesmo antagonismo. Antes de qualquer análise, o sentido de uma situação se impõe pelas atividades que desperta, pelas disposições e atitudes que suscita (WALLON, 2010, p. 125).

Ele destaca a importância da criança compreender que na escola há uma disciplina diferente da que ela recebe em casa, além da relação pessoal entre ela e seu educador. Para isso é imprescindível que o professor esteja consciente de sua responsabilidade, para que as tomadas de decisões sejam de acordo com os valores morais e as relações sociais de sua época, levando em consideração a história de vida cultural e familiar de seus alunos.

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam (WOOLFOLK, 2000, p.47).

Há assim, a responsabilidade da escola e do professor e a importância do relacionamento afetivo entre professor buscando um desenvolvimento qualitativo. Sendo assim, Paulo Freire afirma:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de pensamento. Sua aula é assim um

desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996. p. 96).

Arruda e Borges (2011, p. 98) corroboram dizendo:

A aprendizagem e a afetividade na relação entre criança e professor devem caminhar juntas, pois é a partir da afetividade que a criança passa a ter confiança no professor e com isso algumas barreiras são superadas como por exemplo a dificuldade da criança em aprender determinado conteúdo, bem como desenvolver determinada atividade. É com diálogo, carinho que o professor constrói caminhos para chegar ao universo da criança a fim de ajudá-la.

Ou seja, o professor é o referencial para o aluno e só conquistando sua confiança e sua demonstrando afetividade, o aluno terá condições de avançar com sucesso em seu processo de ensino-aprendizagem.

### 3.3 A AFETIVIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A educação ou o processo educativo é um processo social que se desenvolve como um sistema, pelo qual se busca o ato de provocar ou produzir mudanças comportamentais naqueles indivíduos que se encontram em atividades educativas.

Henri Wallon (1879-1962) desenvolveu, nas décadas de 1950 e 1960, uma teoria psicogenética em que a dimensão afetiva ocupa lugar central no processo de aprendizagem. Segundo Lakomy (2002, p. 65) a teoria de Wallon “auxilia tanto no desenvolvimento pessoal quanto no desenvolvimento cognitivo do indivíduo”.

Lakomy, destaca que Henri Wallon foi um crítico do ensino tradicional (de caráter abstrato, autoritário sem criatividade, com a visão de um aluno passivo e sem espaço para desenvolver sua personalidade) por não enfatizar o caráter afetivo, social e político da educação. “A criança, precisa interagir com o meio para desenvolver seus aspectos afetivos, sociais e intelectuais”. (LAKOMY, 2008, p. 68).

Em função disso Werebe observa:

A escola é a instituição que tem por finalidade prover atividades para desenvolver esses aspectos. Sendo a educação um fato social, ela deve refletir a realidade concreta na qual esse ser social vive, atua e, muitas vezes procura modificar. A função da educação é integrar a formação da pessoa e a sua inserção na sociedade e, assim,

assegurar sua plena realização. Cabe à educação, dessa forma, formar indivíduos autônomos, pensantes, ativos, capazes de participar da construção de uma sociedade contextualizada. Os métodos pedagógicos não podem ser dissociados desses enfoques, eles devem ser apoiados no conhecimento do aluno e no seu meio, pois todas as crianças, sejam quais forem suas origens familiares, sociais, étnicas, têm direito igual ao desenvolvimento máximo que sua personalidade comporta. Elas não devem ter outra limitação além de suas aptidões. (WEREBE, 1999, p. 69).

Portanto o professor deve estar ciente da importância que tem no desenvolvimento cognitivo, psicológico e social do aluno, pois é ele quem faz a mediação entre o aluno e a sociedade, relacionando o que ele já conhece (sua origem) com o que virá a conhecer (o que o meio lhe oferece). Para tanto se faz necessário colocar o aluno como centro de todo o processo de elaboração das suas aulas e ter consciência da sua responsabilidade educativa.

Porto (2007, p. 48) alerta que “a aprendizagem é um fator simbólico, no qual o aluno, no final de sua instrução, deverá estar capacitado a “dominar o mundo”, num estado de equilíbrio diante das necessidades de adaptação às suas necessidades ambientais e poder orientar-se”.

A aprendizagem constitui-se em um processo, uma função que vai além da aprendizagem escolar e que não diz respeito apenas à criança. Campos corrobora dizendo:

A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e, por meio da aprendizagem, desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver. Todas as atividades e realizações humanas exibem os resultados da aprendizagem (CAMPOS, 2003, p. 122).

Nesse sentido, o desenvolvimento cognitivo, afetivo da criança e conseqüentemente a aprendizagem se dá pela interação e pela resolução de problemas e, à medida em que são vencidos, novos conflitos se configuram e assim, o indivíduo vive melhor ou pior, de acordo com aquilo que ele aprende.

Todo conhecimento é fruto de alguma experiência e esta só se transforma num conhecimento pleno quando se converte em “autêntico para aquele que aprendeu, isto é, quando adquire a dimensão de significado ou de vivência significativa” (COOL, 1997, p. 12).

Portanto, a aprendizagem significativa só acontecerá se o professor estiver sempre pronto a refletir sobre a sua metodologia de ensino, analisar sua própria postura perante sua sala de aula, no intuito de estimular a aprendizagem, a

motivação dos seus alunos, e que tudo isso aconteça num ambiente harmonioso, de maneira que além de aprender os conteúdos escolares, aprendam também a serem cidadãos equilibrados, conscientes e críticos da sua realidade.

### 3.4 A IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DIFERENCIADAS PARA A AFETIVIDADE

As tendências pedagógicas vêm das realizações sociais e filosóficas, desenvolvem-se em contextos diferenciados, em determinado momento histórico, propiciam a união das práticas didáticas pedagógicas, favorecem o conhecimento que propicia mudanças na prática pedagógica. Importante ressaltar que as tendências apresentam características e projetos políticos-pedagógicos próprios, mas com um só objetivo, orientar as ações pedagógicas. Cabe aos educadores conhecer as tendências para tê-las como base nas resoluções dos problemas e no pensar da prática pedagógica. Vale salientar a importância das tendências como embasamento da práxis, porém cabe ao professor construir sua prática escolar. As tendências aqui focadas estarão vinculadas à realização da afetividade em cada momento.

#### 3.4.1 Escola Tradicional

Esse tipo de pedagogia foi se constituindo através dos anos e inclui diferentes formas que serviram de referencial às abordagens que a seguiram. De acordo com Buydentorp (2010, p. 36) afirma que “esse modelo, o homem é considerado um ser passivo que deverá ser convertido em cidadão por meio da escola e do ensino e também por meio de outras agências como a família e igreja”.

Os objetivos educacionais encontram-se relacionados aos valores da sociedade na qual se realiza. Os programas e ou disciplinas são organizados por especialistas como um conjunto de conhecimentos a serem adquiridos pelos alunos e esses conhecimentos são verificados sistematicamente e as disciplinas são valoradas de forma diferente.

A aprendizagem é vista como um processo cumulativo em que as informações devem ser graduadas do mais simples para o mais complexo. Dessa

forma, a educação formal tem importante função juntamente com a escola: ao sujeito competem memorizar definições, enunciados, leis, questionários, resumos.

A concepção de educação, nesse modelo pedagógico, é caracterizada como um produto a ser alcançado por meio dos modelos preestabelecidos, selecionados e organizados logicamente.

Mizukami (1986), aponta que a ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são “instruídos” e “ensinados” pelo professor. Subordina-se educação à instrução e aprendizagem dos alunos à aquisição de conteúdos como cópias e modelos rotineiros e padronizados.

Segundo Saviani (2008, p. 20):

Ao entusiasmo dos primeiros tempos suscitados por esse tipo de escola sucedeu uma crescente decepção, pois além de não conseguir realizar seu propósito de universalização do ensino, nem todos os bem-sucedidos se ajustavam ao tipo de sociedade que se queria consolidar e, com o volume das críticas, essa escola passa a ser chamada de Tradicional.

Nesse modelo impera a massificação e a hipótese pedagógica norteia-se pela homogeneização; ignoram-se as diferenças. Preocupa-se mais com a quantidade de conteúdos e conceitos do que com a capacidade de reflexão e articulação do conhecimento adquirido. Outro aspecto importante é o de que o conhecimento é transmitido e aprendido pelos alunos como algo pronto e acabado: todos deverão aprender ao mesmo tempo, no mesmo ritmo.

A disciplina também é imprescindível e durante a aula, Martins assevera:

Na teoria tradicional, essa relação é vertical, autoritária. O professor transmite o conteúdo como verdade absoluta, tendo o aluno como um papel passivo-receptivo. Entretanto, pressupõe-se a necessidade de uma grande atividade intelectual por parte do aluno para assimilar o que está sendo transmitido. O princípio básico dessa relação é que o professor detém o saber e o aluno não. A disciplina é entendida como sinônimo de silêncio e ordem na sala de aula, para facilitar a transmissão do saber (MARTINS, 2006, p. 49).

A relação professor-aluno é verticalizada. Ao professor compete informar e conduzir os alunos aos objetivos propostos, em uma missão catequética rígida.

A metodologia caracteriza-se por aula expositiva, e a didática tradicional definir-se por dar lições e tomá-las; na relação pedagógica, ignoram-se os elementos afetivos e sociais.

### 3.4.2 Escola Nova

No final do século XIX os teóricos a buscar uma reformulação desse modelo pedagógico. Essa nova teoria manteve a crença da escola como instrumento de equalização social. Segundo Saviani (2008, p. 15), “esses problemas incluem os problemas da marginalidade”.

Nesse sentido, a escola é conclamada a modificar suas práticas com o objetivo de atender a essa perspectiva determinada a ela.

Toma corpo, então, um amplo movimento de reforma denominado “escolanovismo”. Tal movimento tem como ponto de partida a Escola Tradicional. A Pedagogia nova começa, pois, por efetuar a crítica da pedagogia tradicional, esboçando uma nova maneira de interpretar a educação e ensaiando implantá-la, primeiro, através de experiências restritas: depois advogando sua generalização no âmbito dos sistemas escolares. (SAVIANI, 2008, p. 7).

A educação promulgada pela “pedagogia nova” tem a proposta Segundo Buydentorp (2010, p. 45) de equalização de direitos ou, dito de outra forma, promulga a democracia, aponta que “a sociedade moderna requer cidadãos que aceitem e convivam com as diferenças, respeitando suas necessidades específicas. Assim, identifica-se uma mudança de foco da questão pedagógica”.

Na Pedagogia nova o foco do processo pedagógico está no aluno.

De uma pedagogia de inspiração lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma, trata-se de uma teoria pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. (SAVIANI, 2008, p. 9).

De acordo ainda com Buydentorp Essa transformação da escola está apoiada em uma psicologia que:

Entende a aprendizagem como “um modo de agir” frente às demandas do meio ambiente em que as práticas educativas devem valorizar as experiências pessoais dos alunos e as atividades práticas e intelectuais devem resultar em processos construídos na articulação das suas vivências cotidianas com as atividades formais da escola.

No Brasil, a predominância da Pedagogia nova perdurou no período de 1932 a 1969 e ganhou força com os movimentos organizados pelos reformadores. Saviani( 2008) destaca que os católicos moveram forte combate à proposição da escola nova, uma vez que os se contrapunham entre outras coisas, “ao naturalismo pedagógico moderno”, ou seja, a não diretividade pedagógica.

### **3.4.3 Escola Tecnicista**

Na Pedagogia tecnicista, os conteúdos são organizados de forma parcelada e o aluno deve se adaptar a ele, executando suas tarefas de forma comprometida para que o produto possa ser alcançado de forma eficiente.

Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco a eficiência. Para tanto, era mister operacionalizar os objetivos e pelo menos em certos aspectos, mecanizar o processo. Daí a proliferação de propostas pedagógicas tais como o enfoque sistêmico, o microensino, o teleensino, a instrução programada, as máquinas de ensinar etc. (SAVIANI, 2008, p.2002).

A racionalidade dos meios é que dirá como e quando os professores e alunos deverão fazer, daí a proliferação de planejamentos rígidos, inflexíveis à avaliação como exame de verificação da eficiência do processo. Os conteúdos transmitidos visam a objetivos e habilidades que levem a competências e habilidades. Dessa forma, a educação preocupa-se com aspectos mensuráveis e observáveis.

A educação deve proporcionar um treinamento eficiente para a execução das tarefas requeridas pela sociedade. “A educação, pois, deverá transmitir conhecimentos, assim como comportamentos éticos, práticas sociais, habilidades consideradas básicas para a manipulação e controle do mundo cultural e social.” (MIZUKAMI, 1986, p. 27).

É importante destacar que na abordagem tecnicista a relação professor-aluno, está pautada numa dimensão harmoniosa, porém apenas no intuito de um comportamento responsivo, isto é, não acontece de fato um vínculo afetivo, pois o elo entre professor e aluno ocorre de forma mecanicista, numa busca incessante de comportamentos desejados. Para isso utilizam-se condicionamentos e negociações, ou seja, premiações por ter concluído adequadamente as tarefas.

### 3.4.4 Pedagogia Construtivista

Postulada por Jean Piaget, o aspecto principal está nos aspectos mais avançados da psicologia genética respaldada em um contexto biológico.

Para essa abordagem, o conhecimento é construído continuamente, assim, o processo educacional tem o papel de provocar situações que sejam desequilibradoras para o aluno. Essas situações devem coadunar com o nível do desenvolvimento em que se encontram os alunos, de forma que seja possível a construção progressiva de noções, de operações lógico-matemáticas de maturidade afetiva.

O objetivo da educação não consistirá na transmissão de verdades, informações, demonstrações, modelos etc., e sim em que o aluno aprenda, por si próprio, a conquistar essas verdades, mesmo que tenha de realizar todos os tateios pressupostos por qualquer atividade real. (MIZUKAMI, 1986, p. 71).

A escola deveria propiciar aos alunos a possibilidade de aprender por si, por meio de uma motivação intrínseca pela ação. As atividades cooperativas entre os alunos, pesquisa espontâneas, resolução de problemas devem ser constantemente favorecidas em detrimento de aprender fórmulas, nomenclaturas, definições, etc.

Na solução de problemas deve ser respeitada a forma peculiar de cada aluno; essas atividades devem ser pensadas como um desafio à inteligência do aluno. “Todo ensino deverá assumir formas diversas no decurso do desenvolvimento já que o “como” o aluno aprende depende da esquematização presente, no estágio atual, da forma de relacionamento atual com o meio.” (MIZUKAMI, 1986, p. 75).

Ao professor cabe a tarefa de evitar rotinas, fixação de respostas; sua função consiste em provocar desequilíbrios e fazer desafios. Deve assumir o papel de investigador, pesquisador, orientador, levando aluno a trabalhar o mais independente possível, tratando-o conforme suas características estruturais evolutivas (fases do desenvolvimento) e ao aluno é destinado um papel essencialmente ativo.

A compreensão desse processo ajuda o pedagogo a saber em que estágio o aluno tem predisposição para assimilar determinada informação – por exemplo entender mapas de seu bairro – podendo acomodá-la em novas formas de organização do conhecimento. O mesmo vale para a afetividade e para a construção da vida moral,

presentes nas diversas formas de interação no grupo. (ARANHA, 1996, p. 203). Fonte: [jgprates.blogspot.com/2008/08/construtivismo](http://jgprates.blogspot.com/2008/08/construtivismo)

É importante frisar que não existe um modelo pedagógico piagetiano, existe uma concepção de aprendizagem e desenvolvimento que tiveram implicações para o ensino.

### **3.4.5 Escola Histórico-Crítica**

Alicerçada nas bases psicológicas da Psicologia Histórico-Cultural desenvolvida por Vigotsky e seus seguidores, Saviani (2008, p.185) define com clareza esse modelo.

A metodologia apontada por essa concepção tem a prática social como ponto de partida, ou seja, é o momento em que os alunos expõem sua vivência sobre o conteúdo que será ensinado pelo professor, é um momento de extrema importância de levantamento do conhecimento construído na realidade cotidiana dos alunos, e esse conhecimento será a base para toda intervenção pedagógica.

O segundo passo da metodologia consiste na problematização ou, dito de outra forma, essa fase consiste em identificar os principais problemas postos pela prática e pelo conteúdo curricular, seguindo-se uma discussão sobre eles a partir daquilo que os alunos já conhecem.

O terceiro momento é a instrumentalização que consiste na apresentação sistemático-dialógica do conteúdo científico, contrastando-o com o cotidiano e respondendo às perguntas das diversas dimensões propostas. É o exercício interativo entre sujeito e objeto pela ação do aluno e mediação do professor. É o momento de efetiva construção do novo conhecimento.

O quarto elemento dessa prática pedagógica denomina-se catarse, que pode ser entendida como a síntese do aluno, ou a demonstração do novo grau do conhecimento atingido pelo aluno, expresso pela avaliação espontânea ou formal.

O trabalho embasado nesta teoria permite um relacionamento harmonioso e afetivo, porque quando o aluno verifica que a sua história de vida, bem como as suas experiências são valorizadas pelo professor, proporciona prazer e entusiasmo para adquirir novos conhecimentos, haja vista o aumento da confiabilidade do aluno em seu professor, tornando o professor mais próximo de seus alunos. A criança

percebe quando o professor gosta dela e procura tirar proveito dessa situação, cabe ao professor que gostar não significa fazer todas as vontades, mas agir com dedicação, carinho e autoridade.

### 3.5 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM RELAÇÃO À AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

Ao longo de sua vida Piaget observou que ocorrem diferenças na interação com o meio, dependendo da faixa etária. A estas maneiras diferentes de agir e pensar, Piaget denominou estágio ou período. Para este autor a criança é vista como agente do seu próprio desenvolvimento e ela irá construí-lo a partir de quatro determinantes básicos: maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio.

Piaget foi um dos grandes estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, dedicou-se especificamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, e ele concluiu pela existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento da inteligência. Em cada estágio constitui uma forma particular de equilíbrio e um estilo característico através do qual a criança constrói seu conhecimento e como afetividade se manifesta.

O Desenvolvimento Cognitivo advém da transformação de funções inatas, biológicas (percepção, atenção involuntária, memória, associações simples) inserida nas práticas da cultura – elaboração de modos sócio-culturais de conhecer, de perceber, lembrar, atentar, simbolizar, conceituar/significar, raciocinar, sentir, agir, se relacionar com os outros e consigo mesmo (SALVADOR, 1999, p. 125).

Piaget classifica as fases de desenvolvimento em quatro estágios de evolução mental, onde cada estágio é um período em que o pensamento e o comportamento infantil é caracterizado por uma forma específica de conhecimento e raciocínio, enfatizando que a transição de um estágio para o outro é gradual, embora toda criança passe pelos estágios de desenvolvimento na mesma ordem. Esses quatro estágios são dispostos no quadro 1, a seguir:

## Estágios de Desenvolvimento Cognitivo de acordo com Piaget

| Estágio             | Faixa etária      | Características   |
|---------------------|-------------------|---|
| Sensório-motor      | 0 a 2 anos        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento da Psicomotricidade.</li> <li>- Desenvolvimento de sentimentos afetivos.</li> <li>- A interação da criança com o ambiente é estabelecida por ações abertas ou sensórias.</li> </ul>  |
| Pré-operatório      | 2 a 7 anos        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento da capacidade de representação de objetos e eventos.</li> <li>- É egocêntrica, centrada em si mesma.</li> <li>- Predomínio da fantasia, a imaginação, o faz-de-conta.</li> <li>- Na afetividade se destaca o desenvolvimento dos sentimentos inter-individuais, afeições, simpatias ligados à socialização das ações.</li> </ul>   |
| Operatório Concreto | 7 a 11 anos       | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolve noções de tempo, o egocentrismo intelectual e social (incapaz de se colocar no ponto de vista de outros).</li> <li>- Capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade.</li> <li>- Desenvolve duas operações intelectuais relevantes, a seriação e a classificação, as quais formam o conceito de número.</li> <li>- Os afetos adquirem mais estabilidade e consistência</li> </ul> |
| Operatório Formal   | 12 anos em diante | <ul style="list-style-type: none"> <li>- A característica essencial é a distinção entre o real e o possível.</li> <li>- Reconhecem plenamente as regras.</li> <li>- os esquemas afetivos são construídos na relação com o meio.</li> </ul>  |

DELGADO, E. R. R. O desenvolvimento cognitivo. Maringá: EDUEM, 2005.

### 3.5.1 Estágio Sensório Motor

O período sensório motor é aquele o qual durante a interação da criança com o ambiente é estabelecida por ações abertas ou sensórias como ver ou ouvir ou, ainda por ações físicas como agarrar, tocar, alcançar, sugar, chorar, etc.

Camargo (2005, p. 49), pontua ainda que no nascimento, os estímulos são incorporados aos esquemas e reflexos de uma maneira indiferenciada. No final do período sensório-motor (em torno de 18 a 24 meses), a criança apresenta como característica o desenvolvimento de sentimentos afetivos e preferências distintas das

primeiras respostas reflexas. Os sentimentos tornam-se fator escolha do que fazer e do que não fazer. Deste modo, o mundo afetivo de uma criança de dois anos é muito diferente do recém-nascido. As crianças tornam-se capazes de investir afeto em outras pessoas, ter sentimento por alguém ou alguma coisa. A partir de reflexos neurológicos básicos, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio. A inteligência é prática. As noções de espaço e tempo são construídas pela ação. O contato com o meio é direto e imediato, sem representações ou pensamentos. A evolução da afetividade durante os anos iniciais dá lugar a um novo conjunto, que corresponde exatamente aquele estabelecido através do estudo das funções motoras e cognitivas.

O ser humano é um ser complexo, que vai da razão a emoção, portanto existe um vínculo constante entre a vida afetiva e a intelectual. E a afetividade se manifesta nas emoções primárias, medos (ligados a perda de equilíbrio) e afetos perceptivos (sensação de agradável, desagradável, prazer, dor). São afetos ligados à própria ação da criança com outras pessoas.

### **3.5.2 Estágio Pré-Operatório**

Este estágio vai dos 2 anos aos 6 anos de idade, aproximadamente, é o desenvolvimento da capacidade da criança de representação de objetos e eventos. Delgado (2005, p. 57) afirma que “a criança já tem capacidade de representar objetos mentalmente, mesmo na ausência deles e essas representações acontecem por meio da imitação diferida, do jogo simbólico e da linguagem”. Ainda, segundo a autora:

A imitação diferida, que a criança desenvolve a partir dos dois anos de vida, consiste no fato de imitar alguém, ou objeto ou fatos que já aconteceram. A imitação é muito importante, pois demonstra que a criança desenvolveu a capacidade de representar mentalmente (recordar) o comportamento que está imitando. (DELGADO, 2005, p. 56).

Outra forma que expressa a representação é o jogo simbólico, onde se faz presente a fantasia, a imaginação e o faz de conta. Pelo jogo simbólico, a criança exercita não só suas capacidades de pensar, ou seja, representar simbolicamente

suas ações, mas também suas habilidades motoras, já que salta, corre, gira, transporta, empurra, etc.

De acordo com Piaget (1971, p. 68) “a natureza livre do jogo simbólico tem um valor essencialmente funcional e não é uma simples diversão. O jogo simbólico passa a ser um fórum de ideias, de pensamentos e de coisas afins”.

Delgado (2005, p. 58) destaca ainda que há “outra forma de representação que é o uso da linguagem, que permite à criança uma troca de informações com os outros”. Mas assevera:

No entanto, devido ao egocentrismo presente nessa fase, mesmo brincando com outras crianças existem entre elas uma espécie de monólogo coletivo, ou seja, conversam sem a preocupação de estarem sendo ouvidas, cada uma fala para si, sem se interessar pelas respostas dos outros. Parecem falar mais de si sobre o que fazem quando estão juntas, mas grande parte do que dizem não é dirigida a ninguém (DELGADO, 2005, p. 59).

Nesta fase, o pensamento pré-operacional é lento e muito concreto e de acordo com Delgado (2005, p.59) “não é reversível, pois não faz mais do que repetir aspectos irreversíveis da realidade, por isso é muito difícil para a criança pensar “de trás para frente” ou imaginar como reverter os passos de uma tarefa”.

### **3.5.3 Estágio Operatório Concreto**

Esta fase acontece dos 7 aos 11/12 anos e nesse período, segundo Rappaport, (1981, p. 82) se caracteriza pela “emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vistas diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e coerente”. Acontece ainda o aparecimento da capacidade da criança de interiorizar as ações, ou seja, ela começa a realizar operações mentalmente e não mais apenas através de ações físicas típicas da inteligência sensório-motora. E Delgado (2005, p. 60) ainda aborda que, “nesta fase, a criança descentra suas percepções e acompanha as transformações e o que é mais importante, ela alcança a reversibilidade das operações mentais”.

Outra característica relevante nesta fase é o fato de que duas operações relevantes se desenvolvem sendo a seriação e a classificação. Assim, Delgado as define:

A seriação consiste na capacidade de organizar mentalmente um conjunto de elementos em ordem crescente ou decrescente de tamanho, peso ou volume. A criança consegue colocar por ordem de tamanho uma série de objetos iguais que tenham variações, mesmo que pequenas, em seus tamanhos. O conhecimento infantil sobre seriação é construído durante um período de vários anos. Cada avanço é um novo equilíbrio em seu raciocínio. A classificação consiste na habilidade de organizar os objetos levando em conta seus atributos. Dependendo da idade, a criança conseguirá utilizar uma ou várias das características dos objetos de organização dos mesmos (DELGADO, 2005, p. 61).

Durante o estágio operacional concreto, os afetos adquirem mais estabilidade e consistência. O que leva a criança a realizar operações reversíveis internalizadas, que se manifestam no julgamento afetivo infantil.

Neste período, aparece o senso de justiça e o respeito mútuo também fica mais evidente. Em relação à justiça Piaget (1993, p 79) observa que “os conceitos de justiça mudam à medida que as crianças se desenvolvem”. Desenvolvem também, uma compreensão melhor de leis e regras.

### **3.5.4 Operatório Formal**

O período operatório formal se dá dos 12 anos em diante e sua característica principal de acordo com Delgado (2005, p. 70) é “ a distinção entre o real e o possível. A autora observa ainda que:

O adolescente, ao tomar em consideração um problema, é capaz de prever as relações que poderiam ser válidas e logo procura determinar, por experimentação e análise, qual dessas relações possíveis tem validade real. O pensamento liberta-se da experiência direta e as estruturas cognitivas adquirem maturidade, ou seja, surge a capacidade de pensar sobre o hipotético, o futuro, e de refletir sobre o próprio pensamento, pensar sobre o pensamento (DELGADO, 2005, p. 72).

É nesse período das operações formais que os adolescentes reconhecem plenamente que as regras são necessárias para a cooperação e para uma participação ativa no jogo.

Nessa fase, ocorre o amadurecimento dos conceitos infantis sobre a mentira e o adolescente compreende que para a cooperação, é necessário não mentir.

Delgado em relação a esse período destaca:

A consequência afetiva, especialmente importante para o respeito mútuo, é “sentimento de justiça”. Este é muito grande entre os companheiros e influencia nas relações entre crianças e adultos até modificar, às vezes, as atitudes em relação aos pais. A prática da cooperação entre as crianças e do respeito mútuo é fundamental para o desenvolvimento do senso de justiça e certamente de uma organização nova dos valores morais (DELGADO, 2005, p.74).

O raciocínio dos adolescentes que desenvolvem as operações formais parece invariavelmente idealista, explora em pensamento e em discussão os modos de reformar a sociedade. Piaget (1971, p. 98) afirma que “esses fatos ocorrem pelo desenvolvimento intelectual e efetivo normal e necessário que tem lugar durante a aquisição das operações formais”. Logo, a formação da personalidade continua, à proporção que o adolescente começa a adaptar e eu ao mundo do adulto.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como intenção entender a influencia da afetividade na aprendizagem do aluno.

Conforme as teorias estudadas, foi possível confirmar as hipóteses, de que o desenvolvimento cognitivo ocorre juntamente com o desenvolvimento afetivo, e que não é possível separar razão e emoção. Sendo assim entende-se que todas as relações devem ser permeadas pela afetividade, quer sejam de ordem familiares, profissionais ou pessoais.

É importante destacar que afetividade entre professor - aluno, conforme os autores aqui estudados, não se restringem somente em ser bonzinho ou expressar-se com palavras de carinho, a afetividade abrange muito mais que apenas esta definição, ser afetivo é também desenvolver atitudes de respeito e responsabilidade para com seus alunos e criar laços que possibilitem a interação do professor, representante e intermediário da integração do aluno na sociedade, com o próprio aluno em sua individualidade e liberdade.

Diante dos objetivos apresentados, fica explicito que a afetividade é um grande estímulo para que os alunos aprendam, pois o mesmo faz parte do processo de ensino e aprendizagem e de desenvolvimento humano, evidenciando ainda que a afetividade é uma importante aliada na prática pedagógica, bem como em todo o processo de educação formal e que o ser humano precisa ser em tratado com carinho e atenção.

De acordo com Libâneo (1994, p. 251), “a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade”. Em muitos casos buscando ter autoridade em sala, o professor acaba por se tornar arrogante, humilhando os alunos e essa atitude em nada contribui para o desenvolvimento deles.

Para tanto se faz necessário colocar o aluno como centro de todo o processo de elaboração das suas aulas e ter consciência da sua responsabilidade educativa. Deverá estar sempre pronto a refletir sobre a sua metodologia de ensino, analisar sua própria postura perante sua sala de aula, estar reciclando sua prática pedagógica e educativa, no intuito de estimular a aprendizagem, a motivação dos seus alunos, e que tudo isso aconteça num ambiente harmonioso, de maneira que

além de aprender os conteúdos escolares, aprendam também a serem cidadãos equilibrados, conscientes e críticos da sua realidade.

Constatam-se através das fundamentações teóricas, que a afetividade é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, uma depende da outra para um bom desenvolvimento da criança. É possível afirmar que, para que ocorra o desenvolvimento da aprendizagem, uma criança precisa ter uma boa autoestima, confiar primeiramente em si mesmo sendo que isso tudo contribuirá para que uma criança seja ela “especial” ou “normal” possa desenvolver um processo de aprendizagem mais positivo e fecundo.

Concluindo, a realização desta pesquisa evidencia que a aprendizagem se torna mais significativa através de uma relação afetiva, proporcionando ao aluno mais segurança e confiança e que não há aprendizagem sem afetividade.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.
- ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da Educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BASTOS, C.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BUYTENDORP, A. A. B. M. **História da Pedagogia**. Campo Grande, MS, 2010.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- COLL, C. **Aprendizagem e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médias, 1997.
- DELGADO, E. R. R. **O desenvolvimento cognitivo**. Maringá: EDUEM, 2005.
- FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon**. Vídeo. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=\\_jY6s8MfAA&feature=relate](http://www.youtube.com/watch?v=_jY6s8MfAA&feature=relate). Acesso em: out/ 2014.
- GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Trad. Jussara haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1978.
- LAKOMY, A. M. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba: Ibpex, 2008.
- LIBANEO, J. C. **Didática**. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.
- MARTINS, P. L. O. **A didática e as contradições da prática**. Edição Loyola. São Paulo. 2006.
- MIZUKAMI, M. da G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORGADO, M, A. Apud, Janira Siqueira; LIMA, Raymundo de. O desenvolvimento afetivo-emocional. In: CAMARGO, Janira Siqueira; ROSIN, Sheila Maria, (Org). **Psicologia e educação: compartilhando saberes**. 2. ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 55.
- PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- \_\_\_\_\_. Seis estudos de psicologia. São Paulo: Forense, 1993.

PORTO, O. **Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem.** Rio de Janeiro, 2007.

RAPPAPORT, C. R. Modelo piagetiano. In: RAPPAPORT, C. R. et. al. **Teorias do desenvolvimento: conceitos fundamentais.** São Paulo: EPU, 1981.

ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva.** Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência.** 5º ed.- Rio de Janeiro: Wak, 2002.

SALVADOR, C. et al. **Psicologia do ensino.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

\_\_\_\_\_. **Escola e democracia: teorias da educação.** 40. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança.** Henri Wallon; com introdução de Émile Jalley. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 122-124.

WEREBE, M. **Henri Wallon.** São Paulo, 1999.

WOOLFOLK, A. **A psicologia da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.